

“Classificação para prejudicar o Brasil”

por Paulo Sotero
de Washington

O assessor especial do Ministério do Planejamento, Stephen Kanitz, disse ontem a este jornal por telefone, de Brasília, que a classificação BA1, que o Moody's Investment Service, de Nova York, anunciou para alguns títulos da dívida externa brasileira, em novembro passado, foi calculada para prejudicar a renegociação da dívida.

“Agora, quem tem títulos brasileiros, vai vendê-los”, afirmou ele. Diante da observação de que, se isso tivesse de acontecer, já teria acontecido depois do anúncio feito em novembro passado, pois os investidores institucionais, que detêm os títulos, são todos assinantes do Serviço do Moody's, Kanitz observou que “há sempre um interesse atrás desse tipo de classificação”.

Kanitz afirmou que a reportagem a respeito da classificação, publicada na edição de ontem deste jornal, também teria sido calculada “para dificultar a renegociação da dívida, no momento em que o presidente do Banco Central, Fernão Bracher está em Nova York negociando”. Num outro ponto da conversa, ele afirmara, contudo, que “o Bracher está acabado” como presidente do Banco Central. E criticou também o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, afirmando que a falta de coesão interna, no Brasil, para a renegociação da dívida, pode ser explicada pelo fato de que “o Funaro e o Bracher não estão explicando para a população qual é a estratégia da renegociação”.

A respeito do Moody's, Kanitz afirmou que não “é uma empresa muito séria”. O assessor da Seplan revelou, a seguir, que ele próprio, em nome do governo, já havia iniciado entendimentos com a Standard & Poor's, uma outra empresa americana especializada na avaliação de papéis, e, segundo ele, “bem mais séria que a Moody's, para fazer uma classificação de títulos garantidos pela República. “Nós combinamos que eles não divulgariam o ‘rating’ depois da primeira

análise, porque leva mais do que uma visita para que eles possam entender o país”. Segundo o assessor da Seplan, o governo paga US\$ 30 mil para classificação da Standard & Poor's.

Não foi possível contactar, ontem, a empresa para verificar esta informação. Dado, contudo, o conhecido rigor ético com que as empresas de classificação de papéis trabalham, é altamente improvável que a Standard & Poor's contemplasse a hipótese de avaliar papéis da dívida de um país sob encomenda do governo. A empresa não faz avaliação de dívida soberana.

“SPREADS”

Conforme apurou o repórter Carlo Iberê de Freitas, em Brasília, o relatório da Moody's Investment Service, de Nova York, é “péssimo para o Brasil e foi urdido pelos bancos credores para negociar a dívida com o País em posição de fraqueza”. A avaliação é do assessor especial do ministro do Planejamento, Stephen Kanitz.

A Moody's Investment Service considera, através de notas, a capacidade dos países de negociar suas dívidas e voltar ao mercado de dinheiro novo. A nota máxima é “AAA”, enquanto o Brasil recebeu “BA1”, e a Argentina “BA3”. Esta nota, disse Kanitz, “mina a posição” do presidente do Banco Central, Fernão Bracher, nas negociações, e serve para os banqueiros conseguirem “spreads” (taxas de juro) mais altas quando estiverem negociando com o Brasil”, disse o assessor.

“Isso foi tramado e faz parte do jogo de negociação”, afirmou, Kanitz, ao comentar a divulgação entre banqueiros internacionais e imprensa, do relatório da Moody's Investment Service, de Nova York, classificando de alto risco político o lançamento de bônus brasileiros no mercado europeu, informa a EBN. Para a empresa, conceituada mundialmente, a política econômica e a “falta de legitimidade” do governo Sarney criariam dificuldades para o retorno do Brasil ao mercado voluntário de empréstimos externos.